

## Organizadores textuais e plano de texto: a forma *e*

Rute Rosa, Marta Fidalgo, Matilde Gonçalves, Audria Leal, Noémia Jorge<sup>1</sup>

CLUNL e FCSH/NOVA

### Abstract:

Situated within the theoretical framework of Sociodiscursive Interactionism, this paper focuses on the role of textual organisers as elements that contribute to the identification of the text plan. The notion of textual organisers has been addressed by various authors and there are still several terminological variations and different categorisation proposals. Based on a qualitative textual analysis, this article discusses the functioning of the form *and* (*e* in Portuguese), in order to demonstrate that the functions of textual organisers are constituted on the textual level and that their categorisation has fluid boundaries.

**Keywords:** text plan, textual organisers, form *and*, sociodiscursive interactionism, text and discourse linguistics

**Palavras-chave:** plano de texto, organizadores textuais, forma *e*, interacionismo sociodiscursivo, linguística do texto e do discurso

### 1. Introdução

Neste artigo, partimos do princípio de que a comunicação humana é realizada através dos textos. A noção de *texto* varia conforme a perspectiva adotada (cf. Koch, 2002), sendo possível encontrar diversas noções de *texto*. No âmbito de uma abordagem mais formal, o texto pode ser entendido enquanto unidade linguística superior à frase; de acordo com uma conceção mais pragmática, o texto é visto como uma sequência de atos de fala; e, a partir de uma perspectiva cognitivista, o texto é considerado o resultado de processos mentais. A noção de *texto* que assumimos neste artigo é mais abrangente. De facto, a produção textual será aqui considerada não como uma simples atividade mental, mas como produto da interação humana, manifestada através de ações derivadas de escolhas linguísticas, sociais, culturais e históricas. Aliás, esta última perspectiva é defendida pelos interacionistas sociais, entre os quais destacamos Bronckart ([1997] 1999), o precursor do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD).

Numa primeira aceção, podemos mesmo afirmar que os textos são estruturas organizadas, com elementos que se relacionam entre si para formar sentido. Estas estruturas são construções complexas, que atendem a propósitos comunicativos de natureza social. É, por isso, que assumimos a noção de *texto* como “uma unidade comunicativa” (Bronckart, 2006: 139). Para uma aceção mais completa, é necessário ter em conta os fatores que são próprios da interação humana. Em consequência, o texto apresenta, além dos aspetos linguísticos, fatores sociais, culturais e históricos, sempre adaptados a uma situação de comunicação particular. Desse modo, as escolhas do produtor textual vão procurar satisfazer as suas necessidades comunicativas. Estas escolhas dizem respeito ao modelo de género a ser adotado, aos aspetos macrotextuais, bem como aos elementos infraordenados em relação ao texto e aos seus processos organizacionais. Assim, cada texto produzido apresenta

---

<sup>1</sup> O presente trabalho é financiado por fundos nacionais portugueses, através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, como parte do projeto do Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa – UID/LIN/03213/2013 e das bolsas de investigação de Rute Rosa, PD/BD/113974/2015, e de Marta Fidalgo, PD/BD/105764/2014, ambas ao abrigo do Programa de Doutoramento FCT “KRUse – Knowledge, Representation & Use”, e da bolsa de pós-doutoramento da FCT de Audria Leal, SFRH/BPD/111234/2015.



uma organização particular dos seus componentes. É a esta organização que se dá o nome de plano de texto, cuja configuração é assegurada por mecanismos variados, com destaque para os organizadores textuais.

Face ao exposto, o presente artigo procurará discutir as funções que os organizadores textuais podem assumir na marcação do plano de texto e, em particular, o papel da forma<sup>2</sup> *e*. Pretendemos, com esta proposta, contribuir para uma questão ainda pouco discutida na Linguística do Texto e do Discurso.

Para atingir o objetivo proposto, privilegiando o quadro teórico do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, [1997] 1999) e considerando igualmente contribuições de outros estudiosos do campo dos textos e discursos, como é o caso de Jean-Michel Adam (2005, 2008, 2013) e Schneuwly, Rosat & Dolz (1989), apresentamos uma análise textual global, de cunho qualitativo, de dois textos pertencentes ao *corpus* G&T.com, constituído no âmbito dos trabalhos de investigação do grupo *Gramática & Texto* sobre “comentários”<sup>3</sup>. Na análise apresentada, privilegamos a identificação da forma *e*, bem como o papel que a mesma ocupa na configuração do plano de texto. Assim, a abordagem metodológica caracteriza-se como sendo do tipo descendente, partindo dos aspetos mais globais para os elementos microlinguísticos, procurando identificar as funções assumidas pela forma *e* nos níveis micro, meso e macrotextual.

Este artigo divide-se em seis pontos: depois da secção introdutória, que constitui a primeira parte, centrar-nos-emos na descrição do valor da forma *e* nas gramáticas de português de referência; em seguida, apresentaremos a noção de *plano de texto* e de *organizadores textuais*; na quinta parte, a partir das análises de dois textos, procuraremos mostrar o funcionamento da forma *e*, assim como a sua função no plano de texto. Por fim, na sexta parte, expomos as nossas considerações finais. Como este estudo, esperamos contribuir para uma melhor compreensão do funcionamento de elementos linguísticos e da sua relação com o nível mais global, o plano de texto.

## 2. O valor da forma *e* nas gramáticas de português

Os valores da forma *e* encontram-se sistematizados quer nas gramáticas normativas (cf. Cunha & Cintra, 1984), quer nas gramáticas descritivas (cf. Mateus *et al.*, 1994; Raposo *et al.*, 2013). Tendencialmente, a descrição, análise e reflexão sobre o uso desta forma são feitas sob o ângulo da sintaxe e da semântica.

Assim, Celso Cunha e Lindley Cintra encaram a forma *e* como conjunção coordenativa com valor de adição (na medida em que liga dois termos ou orações com função idêntica), ainda que possa “assumir variados matizes significativos” (Cunha & Cintra, 1984: 578) – ter valor adversativo, concessivo, conclusivo ou consecutivo; expressar uma finalidade; introduzir uma explicação enfática; iniciar frases de alta intensidade afetiva; facilitar a passagem de uma ideia a outra, em fórmulas paralelísticas (cf. Cunha & Cintra, 1984: 575-579).

Em Mateus *et al.*, Gabriela Matos, num capítulo dedicado às estruturas de coordenação, assume a forma *e* como conjunção coordenativa simples com valor de adição, considerando que a mesma pode igualmente ter um valor contrastivo, condicional e temporal de simultaneidade (cf. Matos, 1994: 558, 568). Na mesma obra, Inês Duarte, ao debruçar-se sobre aspetos linguísticos da organização textual, descreve esta forma de acordo com os tipos de conexões que estabelece, apoiando-se em Quirk *et al.* (1985) e Peres (1997). Para a autora, a conjunção copulativa prototípica *e* exprime “valores de listagem, de confirmação e de sequência temporal” (Duarte, 1994: 95) – nomeadamente listagem enumerativa, listagem aditiva, confirmação, sequência temporal e inferência.

<sup>2</sup> A opção pelo termo “forma” visa evidenciar a polifuncionalidade de que este se reveste, destacando, assim, a plasticidade das funções que *e* pode assumir textualmente.

<sup>3</sup> Este trabalho enquadra-se no âmbito do projeto estratégico do CLUNL – CoRUs 2015-2020 e, em particular, no grupo de investigação *Gramática & Texto*, no qual se pretende, através de um *corpus* de géneros textuais relativos à prática do *comentário* em diversas atividades sociais, desenvolver análise qualitativa e quantitativa, por forma a compreender e descrever as formas e as construções que ocorrem, tendo em conta o modo como contribuem para a configuração textual em função do género ao qual o texto pertence, seguindo diversas perspetivas (texto/discurso, enunciação, processos de gramaticalização) e uma análise transcategorial.





Na *Gramática do Português* organizada por Raposo *et al.* (2013), Amália Mendes, num capítulo intitulado “Organização textual e articulação de orações” e incidindo na coordenação frásica, considera que a conjunção *e* se reveste de um valor semântico fundamentalmente aditivo. A autora adianta que esta forma pode assumir outros valores, salientando como mais evidentes (facilmente discerníveis) os seguintes: conclusivo, condicional, de sequencialidade temporal, de simultaneidade temporal, adversativo, contrastivo e de condição negativa (cf. Mendes, 2013: 1721-1793).

Apresentamos, no Quadro 1, uma síntese dos valores da forma *e*, de acordo com as perspetivas acabadas de evidenciar.

Valores da forma <i>e</i>		Cunha & Cintra (1984)	Matos	Duarte	Mendes, in Raposo (2013)
			In Mateus <i>et al.</i> (1994)		
Aditivo		X	X		X
Listagem	Listagem aditiva			X	
	Listagem enumerativa			X	
Adversativo		X			X
Concessivo		X			
Conclusivo		X			X
Condicional			X		X
Confirmação				X	
Consecutivo		X			
Contrastivo			X		X
Explicação enfática		X			
Final		X			
Inferencial				X	
Intensidade afetiva		X			
Paralelístico		X			
Temporal	Sequencialidade temporal			X	X
	Simultaneidade temporal		X		X

Quadro 1. Valores da forma *e*

Como se observou atrás, as gramáticas de português de referência tendem a não dar conta do valor da forma *e*, quando esta é analisada a um nível que vai além da frase ou do período, privilegiadamente no âmbito de estruturas de coordenação. Assim, é fundamental considerar o seu funcionamento a um nível transfrásico e a um nível superior, que encare o texto no seu todo. Para tal, é necessário recorrer a uma noção que dê conta da configuração global do texto, isto é, o plano de texto.

### 3. Plano de texto

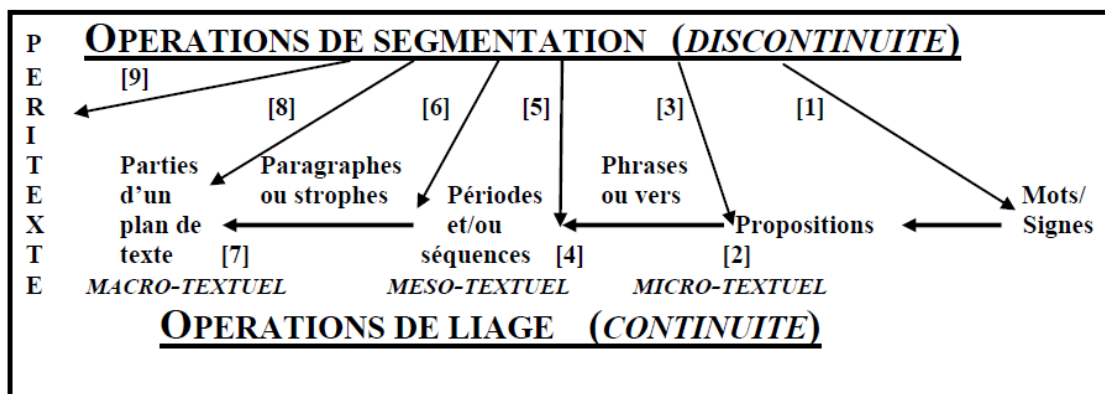
Correspondendo ao que Bakhtin (1984: 60) denominava *estrutura composicional*, uma das três propriedades dos géneros consideradas pelo autor, o plano de texto integra várias perspetivas teóricas atuais. No âmbito do ISD, o plano de texto faz parte da camada mais profunda do *modelo da arquitetura interna dos textos: a infraestrutura geral*. Neste instrumento de análise, em que o texto é concebido como um “folhado” constituído por três camadas sobrepostas, o plano de texto corresponde à “organização de conjunto do conteúdo temático e pode ser codificado em um resumo” (Bronckart, [1997] 1999: 120), sendo, assim, responsável pela





organização global do texto. Além disso, esta organização é visível na leitura e reconstruída na escrita ou na oralidade, tendo, por isso, um papel fundamental na orientação da leitura, interpretação e produção textuais.

Apesar de esta noção ser utilizada num “sentido fraco e não técnico” (Bronckart, [1997] 1999: 248), a introdução do plano de texto neste instrumento de análise textual do ISD demonstra a “necessidade de identificar uma unidade de estruturação (ou composição) que permita apreender a globalidade do texto” (Miranda, 2010: 136), tal como foi sublinhado também por J.M. Adam (2005: 177; 2008: 256), o linguista que mais trabalhou a noção em questão. De acordo com este autor, para apreender os textos como um todo, é necessário distinguir os níveis que constituem a sua globalidade. Para tal, Adam elabora o *modelo dos planos da organização textual*, no qual identifica cinco níveis: *atos de discurso, enunciação, semântica, textura e estrutura composicional* (Adam, 2013: 20). Situando o plano de texto no nível da estrutura composicional, o autor sublinha que “o reconhecimento do texto como um todo passa pela percepção de um plano de texto, com suas partes constituídas, ou não, por sequências identificáveis” (Adam, 2008: 254). Segundo Adam, o plano de texto desempenha um papel fundamental na composição macrotextual de sentido e corresponde ao que a Retórica Clássica colocava na *dispositio* (2008: 255-256). Contudo, observando que o modelo da Retórica não permite dar conta de todas as possibilidades de planos de texto, Adam distingue os planos convencionais dos planos ocasionais, consoante a maior ou menor fixação dos géneros textuais, em que esses planos ocorrem. Assim, os planos de texto convencionais estão mais estabilizados a nível linguístico, textual e social e, deste modo, beneficiam de um maior (re)conhecimento quer por parte dos produtores textuais, quer por parte dos leitores. No que concerne à organização da textualidade, o plano de texto intervém a nível macrotextual, como se pode verificar no Esquema 1:



Esquema 1. A tensão entre a segmentação (descontinuidade) e a ligação (continuidade); extraído de Adam (2013: 29)

Segundo J.M. Adam, a textualização constrói-se a partir da interação entre duas tensões: uma entre segmentação e ligação das unidades e outra entre repetição e progressão. Assim, por um lado, as unidades textuais são desagrupadas através de operações de segmentação e, por outro, são agregadas, através de operações de ligação, tornando, assim, o texto *contínuo no descontínuo* (2013: 25-28). No Esquema 1, temos, por um lado, as setas na horizontal, para dar conta das operações de continuidade entre os três níveis (microtextual, mesotextual e macrotextual) e, por outro, as setas verticalmente oblíquas a evidenciar as operações de segmentação. No nível microtextual, estão as operações de ligação e segmentação estabelecidas entre as palavras/signos, proposições e frases/versos; no nível mesotextual, os períodos, as sequências e os parágrafos/estrofes. Já no nível macrotextual, situam-se as partes do plano de texto. São, pois, estes níveis





dependentes uns dos outros que constituem a globalidade dos textos. Por outro lado, na proposta de Adam, o plano de texto contempla também os componentes que fazem parte do peritexto:

Je propose d'intégrer dans le concept de plan de texte les composantes péritextuelles verbales (titre et sous-titre, mais aussi intertitres, dédicaces, signatures, systèmes de notes) et éventuellement iconiques (vignette, illustrations), en particulier dans les iconotextes plurisémiotiques de type recettes de cuisine, articles de presse écrite, publicités, affiches, etc.

Adam (2013: 37)

De acordo com o autor, o peritexto, situando-se ao nível das operações de macrosegmentação [9], é responsável pela marcação das fronteiras do texto (cf. Esquema 1). Embora Adam destaque também o papel dos fenómenos gráficos, ou seja, aqueles que são responsáveis pela segmentação visível, o autor sublinha igualmente que os *organizadores textuais* e *conectores* podem ser responsáveis pela marcação do plano de texto (cf. Adam, 1992: 28).

Na esteira de Adam, Silva (2016: 193) sublinha que o plano de texto “consiste na distribuição dos conteúdos manifestados e, em suporte escrito, na segmentação formal atestada num texto”. Gonçalves (2011: 9), por seu lado, refere que a análise do plano de texto deve contemplar a identificação das “diversas secções que organizam o texto e que fazem parte da composição textual, descrever como se interrelacionam e como são segmentadas no espaço textual”. Nesta perspetiva, a análise do plano de texto contempla a segmentação e o modo como essas operações distribuem os conteúdos no espaço textual. Também na continuidade de Adam, Coutinho (2004b: 1) destaca o papel que os *mecanismos de organização textual* global assumem na marcação do plano de texto. Neste sentido, para analisar o plano de texto, é necessário identificar os mecanismos de organização textual que intervêm na sua configuração e estruturação, nomeadamente mecanismos de segmentação gráfica (intertítulos, numerações, parágrafos, entre outros) e pontuação<sup>4</sup>, bem como os organizadores textuais linguísticos que, segmentando, ligando e agrupando os blocos textuais, contribuem para a sua marcação.

#### 4. Organizadores textuais

A noção de *organizadores textuais* foi proposta por Schneuwly, Rosat & Dolz (1989) para evidenciar as diferentes operações de planificação textual que o termo *conector* não contemplava. Os organizadores textuais constituem, assim, nas palavras dos autores, “trace[s] privilégiée[s] de certaines opérations langagières dépendant de la planification textuelle” (Schneuwly, Rosat & Dolz, 1989: 40).

Tal como observa Coutinho (2004a: 283), a noção de *organizadores textuais* tem vindo a ser retomada por diversos autores. Para além das diferenças ao nível da denominação e das diferentes propostas de categorização, verifica-se que existem várias sobreposições e divergências entre os termos *organizadores textuais*, *conectores*, *conectores argumentativos*, *marcadores de discurso* e *marcadores discursivos* (cf. Coutinho, 2004a: 283).

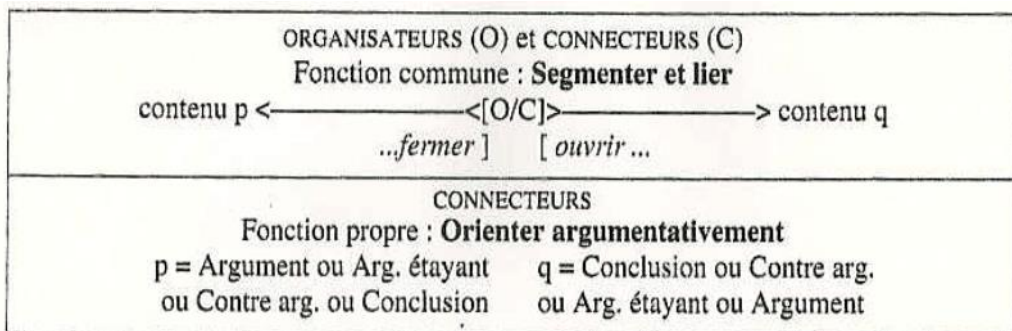
<sup>4</sup> De acordo com Coutinho (2004b: 5), a pontuação e os mecanismos de segmentação gráfica têm uma função de organização textual, dado que intervêm na delimitação, agrupamento e disposição das unidades textuais. Também Adam (2002: 523) sublinha que a pontuação tem um importante papel na marcação do plano de texto: “Des plus bas niveaux jusqu'aux bornes du péritexte, elle [la ponctuation] fournit des instructions pour la construction du sens par découpage et regroupement d'unités de complexité variable”.







Na proposta de Adam (1999), os organizadores textuais são integrados na categoria geral dos conectores, aparecendo distribuídos por subcategorias. Apesar de o autor distinguir os conectores dos organizadores textuais, tendo em conta que os primeiros têm a função específica da orientação argumentativa, ambos assumem uma função de organização textual. Tal como ilustra o esquema seguinte, os conectores e os organizadores textuais partilham a função de segmentar e ligar as partes do texto.



Esquema 2. Organizadores e conectores; extraído de Adam (1999: 59)

Na categorização dos organizadores textuais, Adam distingue aqueles que “ordenam as partes da representação discursiva nos eixos maiores do tempo e do espaço [d]os que estruturam, essencialmente, a progressão do texto e a indicação de suas diferentes partes” (Adam, 1999: 181).

Conforme se apresenta no quadro abaixo, os organizadores textuais responsáveis pela progressão do texto e sinalização das suas partes são classificados nas seguintes subcategorias: *organizadores enumerativos aditivos*, *marcadores de integração linear*, *marcadores de mudança de topicalização* e *marcadores de ilustração* (cf. Adam, 1999: 181).

<b>Organizadores textuais</b>	Organizadores espaciais		<i>à esquerda/à direita, antes/depois, ...</i>	
	Organizadores temporais		<i>então, antes, em seguida, e então, ...</i>	
	Organizadores enumerativos	Aditivos	<i>e, ou, também, assim como, ainda, igualmente, além disso, ...</i>	
		Marcadores de integração linear	<i>de um lado, inicialmente, primeiramente, em primeiro lugar, .../ em seguida, depois, em segundo lugar, .../ por outro lado, em último lugar, em conclusão,...</i>	
	Marcadores de mudança de topicalização		<i>quanto a, no que concerne a,...</i>	
Marcadores de ilustração e exemplificação		<i>por exemplo, em particular, como, entre outros, assim, ...</i>		

Quadro 2. Organizadores textuais





Como se observa no quadro acima, Adam categoriza os organizadores textuais consoante o tipo de função que os mesmos assumem no plano de texto. No caso dos organizadores enumerativos, o autor distingue os simples aditivos dos marcadores de integração linear. Enquanto os primeiros têm uma função de adição, os segundos asseguram a abertura, continuidade ou fechamento de uma série (cf. Adam, 1999: 183). Já a passagem de um objeto do discurso a outro é, segundo Adam, assegurada pelos organizadores de mudança de topicalização. De acordo com o autor, estes organizadores assumem um papel fundamental na marcação e ordenação das partes do texto. No que respeita aos marcadores de ilustração/exemplificação, estes têm como função a introdução de exemplos (cf. Adam, 1999: 181).

## 5. Funcionamento da forma *e*

Para analisar o funcionamento da forma *e* na marcação do plano de texto, seleccionámos dois textos pertencentes ao *corpus* G&T.com, constituído no âmbito dos trabalhos de investigação do grupo *Gramática & Texto* sobre “comentários”: um comentário literário, produzido por Maria Alzira Seixo, e um comentário linguístico, da autoria de Ivo Castro<sup>5</sup>. Embora a seleção dos textos não tenha sido guiada pelo critério da representatividade, procurámos exemplares que atestassem diferentes funcionamentos da forma *e*, ficando, assim, excluídos todos os textos que não cumprissem este critério.

Tendo em conta que a etiqueta *comentário* não está estabilizada, podendo, por isso, designar géneros e textos de natureza distinta, assumimos que os exemplares em análise pertencem a uma *nebulosa* de textos sem fronteiras fixas ou nítidas (cf. Coutinho, 2006: 4), pertencendo a uma prática comum: a do comentário.

Numa perspetiva global, os exemplares analisados não estão associados a uma “segmentação canónica”<sup>6</sup> predeterminada, não apresentando, por isso, uma organização de conteúdos previsível. Embora em C1 possamos perspetivar os conteúdos contemplados, a partir do título *A nuvem turbulenta: bosquejo da obra literária de Natália Nunes* (elemento peritextual que delimita a fronteira inicial do texto), não temos qualquer elemento que explicita a sua organização, como, por exemplo, um índice ou sumário, elementos recorrentes noutros géneros. Quanto ao texto de Ivo Castro (C2), apesar de o título *comentário* apontar para a sua identidade genérica<sup>7</sup>, este elemento não permite perspetivar os conteúdos que são tematizados, nem a sua organização. Neste sentido, enquanto em C1 o título remete para os conteúdos, em C2 o título aponta para a própria atividade de comentar, ou seja, para “aquilo que se faz”. Porém, em nenhum dos dois exemplares ocorrem elementos peritextuais que anunciem o plano de texto. Quanto ao corpo do texto, apesar de não termos a presença de intertítulos em nenhum dos textos analisados, no comentário linguístico<sup>8</sup> (C2) ocorrem alíneas que assinalam a marcação do plano de texto. Todavia, nenhum dos textos apresenta um plano de texto previsível e explicitamente marcado. Apesar das diferenças entre os dois textos, verifica-se, assim, que a organização sequencial dos conteúdos é assegurada, por um lado, por mecanismos de segmentação gráfica (parágrafos, espaçamento) e pontuação, e, por outro, por organizadores textuais linguísticos, como é o caso da forma *e*. Vejamos, então, o seu funcionamento nos dois exemplares considerados.

De acordo com a proposta de Adam, o *e* é um organizador textual enumerativo aditivo, assumindo, assim, uma função de adição. Este funcionamento do *e* é facilmente atestável, como demonstra o seguinte excerto:

<sup>5</sup> Para identificar os textos sempre que são referidos, utilizamos uma sigla constituída pela inicial do termo *comentário* e por um número: C1 (Seixo, 2014) e C2 (Castro, 2005).

<sup>6</sup> Referimo-nos, por exemplo, ao soneto, em que existe uma segmentação predeterminada pelo género. Tal como observa Adam (1992: 33), “un sonnet n’est donc qu’une segmentation canonique d’un texte dont la structure sequentielle de base”.

<sup>7</sup> Neste caso, o título é um *marcador autorreferencial*. Este tipo de marcadores explicita o género a que pertence o texto (cf. Miranda, 2010). Outros exemplos de marcadores autorreferenciais são as diferentes etiquetas genéricas que podem ocorrer no peritexto, como, por exemplo, *recensão crítica* ou *artigo científico*, assim como sintagmas nominais recorrentes no corpo do texto de exemplares de alguns géneros, como, por exemplo, “o presente artigo”.

<sup>8</sup> Em Rosa (2017), apresenta-se uma proposta de análise do plano de texto do *comentário linguístico*.





Em ambas, Natália [Nunes] e Isabel [de Nóbrega], se detecta a feminina afirmação literária plena, quer de facto (elas são, em projecção, as primeiras grandes escritoras de ficção do século), quer de feito: deram-nos obras que marcam a escrita do romance. Depois, Fernando Botelho, Luísa Dacosta e Ana Hatherly são grandes nomes literários de obra afirmada e projecção segura, e Maria Gabriela Llansol vem inaugurar a matriz discursiva que, em inovação e especificidade, só tivera paralelo em Agustina.

Exemplo 1: extraído de C1 (**destaques nossos**)

Neste excerto de C1, a forma *e* assegura a progressão da informação textual, assumindo, deste modo, a função de ligação ao nível *microtextual*. Como organizador enumerativo aditivo, o *e* liga e relaciona os constituintes das frases, evidenciando, assim, a continuidade textual. Observe-se, agora, o seguinte excerto:

Há algum tempo, o alto patrocinador desta conferência disse-nos que via mais vida para além do orçamento. **E** muitos de nós pensaram: “Graças a Deus”. Serviu este painel para nos recordar que, do mesmo modo, há mais língua portuguesa para além da falada em Portugal. **E** que, além de “Graças a Deus”, podemos exclamar “Graças a nós!”. A constatação de evidências como a dimensão multicontinental da língua e como a autoria portuguesa desse movimento de difusão não mereceria talvez ser erigida a tema de um painel, nesta conferência dedicada especialmente à língua de Portugal. Mas a exploração das divergências e das convergências que existem no espaço global da língua portuguesa, a ponderação dos seus efeitos e das lições que daí podem decorrer — essas sem dúvida merecem o lugar que aqui tiveram.

Exemplo 2: extraído de C2 (**destaques nossos**)

Já neste excerto de C2, o *e* tem um duplo funcionamento: por um lado, tal como no exemplo anterior, assegura a continuidade textual, estabelecendo operações de ligação entre os constituintes das frases; por outro, assume, simultaneamente, a função de ligação e segmentação entre frases, ultrapassando, assim, o domínio frásico. Neste caso, no mesmo bloco textual, o *e* assume a função de organizador enumerativo aditivo, assegurando operações de ligação ao nível microtextual e de organizador marcador de adição e/ou de mudança de topicalização ao nível mesotextual, evidenciando operações de segmentação. Este funcionamento do *e* atesta, assim, o equilíbrio entre a continuidade e a descontinuidade textual referido por Adam, assumindo, em ambos os casos, a função de organizador textual, atuando, porém, em dois níveis – micro no caso da enumeração/adição e meso na mudança de topicalização.

Este duplo funcionamento da forma *e* é também atestável em C1, como no excerto que se segue:

É, pois, um romance de lacunas de informação: lacunas do universo feminino, já que as personagens centrais e dialogantes são mulheres, e só o que elas dizem ou pensam se nos comunica - o pensamento surge em monólogos interiores que são uma espécie de legendas das falas cruzadas, falas da aparência, falas as mais das vezes mentirosas ou sorrateiras, «dobradas» pelo teor inverso ao que se diz, no discurso monologizante do pensamento. **E** com um alcance político-social vibrante, pois o processo, usado de modo virtuosístico, se torna aliciante, divertido e impressionante! Um mundo «falhado», este, das mulheres em competição





no emprego — **e** na vida, no amor, na beleza, em relações de adulação, desprezo, inveja, coscuvilhice ou desprazer. Um romance que na altura surpreendeu, e hoje se lê com agrado, proveito de conhecimento, efeito de comicidade **e** admiração pela destreza técnica exibida na construção dialogal.

Exemplo 3: extraído de C1 (**destaques nossos**)

Como se observa no exemplo acima apresentado, o *e* assume a função de organizador enumerativo aditivo, estabelecendo várias ligações a nível microtextual, mas também funciona como marcador de mudança de topicalização ao nível mesotextual, assegurando, simultaneamente, a progressão e a mudança temáticas, essenciais para a configuração da globalidade textual apreendida ao nível macrotextual. A partir deste exemplo verifica-se, assim, que o *e* pode assumir diferentes funções no mesmo bloco textual, assegurando, por um lado, a ligação entre os constituintes frásicos e, por outro, estabelecendo a ligação interfrásica.

Além disso, o *e* também pode funcionar ao nível macrotextual, como nos exemplos que se seguem:

Talvez se possa distinguir uma emigração de longo curso, constituída por comunidades que partiram há muito tempo, e para muito longe, e cujas novas gerações estão plenamente aculturadas às sociedades em que vivem, dispondo de um conhecimento residual do português, alimentado mais pelos estereótipos dos seus pais e avós que por um contacto regularmente actualizado com Portugal. **E**, ao lado desta emigração a que chamei de longo curso, uma outra emigração costeira, que se dirigiu a países de onde é fácil regressar e de onde, efectivamente, muitos emigrantes regressaram, trazendo um capital de experiência e de exigência que é benéfico para a modernização da nossa sociedade. Entre as gerações mais novas deste segundo tipo de emigração, a proximidade de contactos com Portugal justifica uma acção continuada de didáctica linguística, que seja sensível ao facto de, por vezes, o português já não ser a sua língua materna. Disto falou Solange Parveaux, com a autoridade de uma vida inteira.

Exemplo 4: extraído de C2 (**destaque nosso**)

Recorde-se que ter vinte anos em 1941, a meio da guerra e no auge do salazarismo, não era fácil a quem desejava concretizar uma relação com a estética e o pensamento; não só devido à censura e aos perigos pessoais que ela implicava, mas ainda porque, arrostando com tais perigos, uma boa dúzia de figuras literárias se agigantavam, na esteira do neo-realismo, então no auge da emergência pública, ao mesmo tempo que certos vultos da presença, ou outros, incertos na escolha (ou receio) de integrarem um desses dois grupos, disputavam lugares cimeiros nesse período que foi dos mais ricos das nossas Letras.

**E** a afirmação da Mulher na Literatura não era corrente: a projecção de Irene Lisboa estava em pleno, ajudada por escritores que apreciavam o seu género literário compósito, mas era tímida: Esta Cidade! é justamente de 1942; e, no que toca mais claramente à ficção, Maria Archer e Manuela de Azevedo não logram textos imprescindíveis, sendo Ilse Loça a única que se afirma, mas já nos anos 50.

Exemplo 5: extraído de C1 (**destaque nosso**)





No exemplo 4 (C2), a forma *e* assume a função de marcador de mudança de topicalização, assinalando a passagem de um objeto do discurso a outro. Neste sentido, em C2, ao contrário do que se observou no exemplo 3 de C1, o *e* assegura uma complementaridade ao nível do conteúdo, pois além da “emigração de longo curso” é introduzida a “emigração costeira”. Neste excerto, o *e*, ao marcar uma rutura entre os blocos textuais, assegura a segmentação (descontinuidade) e a ligação entre as partes do texto (continuidade) a nível macrotextual, evidenciando o plano de texto. Relativamente ao exemplo 5 do texto de Maria Alzira Seixo (C1), importa sublinhar que a forma *e* introduz um novo conteúdo em relação ao que foi apresentado anteriormente; de facto, neste segmento iniciado por *e*, o nome de outra autora, que não Natália Correia – tema do artigo – é introduzido, designadamente Irene Lisboa. Porém, no caso do exemplo 5 do texto de Maria Alzira Seixo (C1), o *e* estabelece a ligação entre parágrafos, assegurando a configuração global do texto e constituindo, assim, uma unidade textual superior ao parágrafo (cf. Coutinho & Correia, 2017), como se verifica no quadro seguinte:



<p>Recorde-se que <b>ter vinte anos em 1941, a meio da guerra e no auge do salazarismo, não era fácil</b> a quem desejava concretizar uma relação com a estética e o pensamento; não só devido à censura e aos perigos pessoais que ela implicava, mas ainda porque, arrostando com tais perigos, uma boa dúzia de figuras literárias se agigantavam, na esteira do neo-realismo, então no auge da emergência pública, ao mesmo tempo que certos vultos da presença, ou outros, incertos na escolha (ou receio) de integrarem um desses dois grupos, disputavam lugares cimeiros nesse período que foi dos mais ricos das nossas Letras.</p> <p><b>E a afirmação da Mulher na Literatura não era corrente:</b> a projecção de Irene Lisboa estava em pleno, ajudada por escritores que apreciavam o seu género literário compósito, mas era tímida: Esta Cidade! é justamente de 1942; e, no que toca mais claramente à ficção, Maria Archer e Manuela de Azevedo não logram textos imprescindíveis, sendo Ilse Losa a única que se afirma, mas já nos anos 50. (Seixo, 2014: 204)</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Ligação entre parágrafos pela presença do organizador “e” e constituição de uma unidade textual superior ao parágrafo</li><li>• Progressão temática “meio da guerra e no auge do salazarismo não era fácil &gt; a afirmação da mulher na Literatura não era corrente”</li></ul>
<p>É, pois, um romance de lacunas de informação: lacunas do universo feminino, já que as personagens centrais e dialogantes são mulheres, e só o que elas dizem ou pensam se nos comunica (...) <b>E com um alcance político-social</b> vibrante, pois o processo, usado de modo virtuosístico, se torna aliciante, divertido e impressionante! Um mundo «falhado», este, das mulheres em competição no emprego — e na vida, no amor, na beleza, em relações de adulação, desprezo, inveja, coscuvilhice ou desprazer. Um romance que na altura surpreendeu, e hoje se lê com agrado, proveito de conhecimento, efeito de comicidade e admiração pela destreza técnica exibida na construção dialogal. (Seixo, 2014: 208)</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• “E” com função de adição e intensificação</li><li>• Ligação com parágrafos anteriores (p. 204) “guerra” &gt; “salazarismo” &gt; afirmação da mulher não era corrente” &gt; “alcance político-social”</li><li>• Configuração do texto como um todo</li></ul>



Quadro 3. Funcionamento da forma *e* na configuração global do texto

Em suma, o *e*, tido como organizador enumerativo aditivo na proposta de Adam, pode assumir diferentes funções na marcação e na configuração do plano de texto. A análise efetuada demonstra que: i) o *e* pode ter uma função de ligação como organizador aditivo a nível microtextual (ligação entre os constituintes das frases); ii) a nível mesotextual, o *e* pode ser responsável pela ligação entre frases, períodos e sequências, como aditivo e/ou marcador de mudança de topicalização; iii) a nível macrotextual, o *e* pode assumir a função de marcador de mudança de topicalização, evidenciando as partes do plano de texto, bem como a criação de unidades textuais e temáticas que ultrapassam o parágrafo. Nesta perspetiva, as funções dos organizadores textuais são construídas textualmente e, por isso, a mesma forma linguística, como é o caso do *e*, pode ter um funcionamento diferenciado a diferentes níveis do texto. Neste sentido, o funcionamento dos organizadores textuais depende das propriedades do plano de texto, que, por sua vez, são mais ou menos predeterminadas pelo género, consoante a sua maior ou menor estabilidade.

## 6. Considerações finais

Neste artigo procurámos evidenciar o funcionamento da língua em textos que circulam socialmente. De facto, as análises textuais permitem compreender o funcionamento da língua e o seu uso. Pretendemos demonstrar que as análises da forma *e*, evidenciadas pelas gramáticas de referência, focalizam o funcionamento desta forma a nível microlinguístico, não dando conta da relação entre este nível mais micro e o funcionamento do texto como um todo. Para compreender a língua nos seus mais diversos usos, é essencial considerar os seus elementos a um nível macrotextual, ou seja, é preciso verificar a atuação destes elementos no texto de forma global. Para o efeito, é necessário recorrer à noção de *plano de texto*, para podermos entender como se constrói a configuração global do texto.

Seguindo este ponto de vista, a partir dos dois textos analisados, observamos que a forma *e* pode assumir diferentes funções na marcação do plano de texto. Assim, além de ter a função de ligação como organizador aditivo a nível microtextual (ligação entre os constituintes das frases), no plano macrotextual, as análises procuraram demonstrar que o *e* pode assumir uma função de organizador aditivo e de marcador de mudança de



topicalização, evidenciando as partes do plano de texto. Já a nível mesotextual, o *e* pode ser responsável pela ligação entre períodos e sequências, como aditivo e/ou marcador de mudança de topicalização. Sublinhe-se, no entanto, que as fronteiras entre estes três níveis dependentes são fluidas e, por isso, as funções assumidas pelos organizadores também não são estanques no contínuo textual.

Neste sentido, para compreender a língua nos seus usos autênticos, é fundamental entender o funcionamento dos elementos que a compõem a nível micro, meso e macrotextual. Os estudos da gramática do português tendem a evidenciar o nível micro da língua, sem considerar a atuação desta dimensão num contexto mais amplo. Contudo, as análises apresentadas neste artigo mostram que o mesmo elemento, no caso particular da forma *e*, pode ter funções diferenciadas se considerarmos a relação entre as partes do texto, a partir da noção de *plano de texto*. Concluímos, assim, que as funções dos elementos de uma língua em uso são construídas textualmente.

## Referências

- Adam, Jean-Michel (1992) *Les textes: types et prototypes. Récit, description, argumentation, explication et dialogue*. (1.ª ed.). Paris: Nathan.
- Adam, Jean-Michel (1999) *Linguistique Textuelle. Des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan.
- Adam, Jean-Michel (2002) Segmentation graphique. In Charaudeau, P. & Maingueneau, D. (orgs.). *Dictionnaire d'analyse du discours*. Paris: Seuil.
- Adam, Jean-Michel (2005) *La Linguistique Textuelle. Introduction à l'analyse textuelle des discours*. Paris: Armand Colin.
- Adam, Jean-Michel (2008) *A linguística textual. Introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez Editora.
- Adam, Jean-Michel (2013) Problèmes du texte. In *Pré publications*. Université d'Aarhus. Disponível em: [http://cc.au.dk/fileadmin/dac/Arrangementsfoto/Prepub\\_no\\_200\\_-\\_nov\\_2013.pdf](http://cc.au.dk/fileadmin/dac/Arrangementsfoto/Prepub_no_200_-_nov_2013.pdf)
- Bakhtin, Mikhail (1984) *Esthétique de la création verbale*. Paris: Gallimard.
- Bronckart, Jean-Paul ([1997] 1999) *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Raquel Machado. São Paulo: EDUC.
- Bronckart, Jean-Paul (2006) *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Anna Rachel Machado & Maria de Lourdes Meirelles (orgs). Campinas: Mercado de Letras.
- Castro, Ivo (2005) Comentário da mesa-redonda Convergências e Divergências no Espaço da Língua Portuguesa. *A Língua Portuguesa: Presente e Futuro*. Lisboa: Gulbenkian, pp. 279-282.
- Coutinho, Maria Antónia (2004a) Organizadores textuais – Entre língua, discurso e género. In Oliveira, Fátima & Isabel Margarida Duarte (orgs) *Da língua e do discurso*. Porto: Campo das Letras, pp. 283-298.
- Coutinho, Maria Antónia (2004b) Sobre organizadores textuais. In *Gramática Textual do Português*. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:itv9sLPiWcJ:www.fcsh.unl.pt/cadeiras/texto/Organizadores%2520textuais.pdf+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>
- Coutinho, Maria Antónia (2006) O texto como objeto empírico: consequências e desafios para a linguística. *Veredas*. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo076.pdf>
- Coutinho, Maria Antónia & Correia, Clara Nunes (2017) Algumas peculiaridades do português: aspetos semânticos e textuais da 'partícula e', Colóquio Internacional de Homenagem ao Professor Óscar Lopes, Porto.
- Cunha, Celso & Lindley Cintra (1984) *Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa.
- Duarte, Inês (1994) Aspetos linguísticos da organização textual. In M. H. Mateus et al. (orgs.) *Gramática da Língua Portuguesa* (6.ª edição). Lisboa: Caminho, pp. 85-121.





- Gonçalves, Matilde (2011) Espécie de texto: contributo para a caracterização do sítio web. *Hipertextus*, pp. 1-12. Disponível em: <http://www.hipertextus.net/volume7/02-Hipertextus-Vol7-Matilde-Goncalves.pdf>
- Koch, Ingedore (2002) *Desvendando os Segredos do Texto*. São Paulo: Cortez.
- Lopes, Ana Cristina Macário (2016) Discourse Markers. In *The Handbook of Portuguese Linguistics*, pp. 441-456. DOI: 10.1002/9781118791844.ch24
- Mateus, Maria Helena Mira *et al.* (orgs.) (1994) *Gramática da Língua Portuguesa* (6.ª edição). Lisboa: Caminho.
- Matos, Gabriela (1994) Estruturas de coordenação. In M. H. Mateus *et al.* (orgs.) *Gramática da Língua Portuguesa* (6.ª edição). Lisboa: Caminho, pp. 549-592.
- Mendes, Amália (2013) Organização textual e articulação de orações. In E. Raposo *et al.* (coords.) *Gramática do Português – II*. Lisboa: FCG, pp. 1691-1817.
- Miranda, Florencia (2010) *Textos e géneros em diálogo: uma abordagem linguística da intertextualização*. Lisboa: FCT/FCG.
- Raposo, Eduardo *et al.* (coords.) (2013) *Gramática do Português – II*. Lisboa: FCG.
- Rosa, Rute (2017) O plano de texto do comentário linguístico: uma proposta de análise. In Brocardo, M. T.; Correia, C. N. *Cadernos WGT. Comente o seguinte texto*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa, pp. 15-20. Disponível em: [http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/gramatica/16wgt/16wgt\\_cadernos/3\\_rosa\\_cadernos16wgt.pdf](http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/gramatica/16wgt/16wgt_cadernos/3_rosa_cadernos16wgt.pdf)
- Schneuwly, Bernard, Rosat, M.-C. & Dolz, J. (1989) Les organisateurs textuels dans quatre types de textes écrits (élèves de 10, 12 et 14 ans). *Langue Française* 81, pp. 40-58.
- Seixo, Maria Alzira (2014) A nuvem turbulenta: bosquejo da obra literária de Natália Nunes. *Revista Colóquio/Letras, Notas e Comentários*, n.º 186, pp. 204-209.
- Silva, Paulo Nunes da (2016) Género, conteúdos e segmentação: em busca do plano de texto. *Diacrítica*. Revista do centro de estudos humanísticos; série ciências da linguagem 30 (1), pp. 181-224. Disponível em: [http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Diacritica\\_30-1.pdf](http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Diacritica_30-1.pdf)

